



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Modelo Trifatorial da Psicopatia: Características Psicométricas da Versão Portuguesa do Inventário de Traços Psicopáticos - ITP

Mari Lúcia Pereira dos Santos (e-mail: mlupsantos@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (Pré-Especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e de Saúde)

Sob a orientação do Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Deus, por tudo aquilo que me tem dado ao longo da vida. *A voz de Deus diz-nos constantemente: uma falsa ciência faz um homem ateu, mas uma verdadeira ciência leva o homem a Deus* (Voltaire).

Ao Professor Doutor Daniel Rijo, pela sua orientação, disponibilidade e por toda a ajuda prestada.

À Dr.^a Paula Vagos, Dr.^a Carolina, Dr.^a Diana e Dr. Nélio, pela disponibilidade e ajuda demonstrada.

Ao Presidente do Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel, na pessoa do Dr. Paulo, Dr.^a Joana e aos alunos, que tornaram possível a recolha de alguns dados.

Às colegas de Curso pelo companheirismo e momentos de partilha de conhecimento.

Agradeço à minha família, bem como, a todos os meus amigos, mas principalmente aos que pelo seu exemplo me ensinaram o verdadeiro significado da palavra abnegação.

E, por último, às pessoas mais importantes da minha vida, os meus pais e a minha irmã, por todo o apoio, o encorajamento, o carinho e o amor que sempre me deram. *O amor não se define, sente-se* (Séneca).

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 3 |
| Artigo: Modelo Trifatorial da Psicopatia: Características Psicométricas da Versão Portuguesa do Inventário de Traços Psicopáticos - ITP..... | 6 |
| Resumo..... | 7 |
| Abstract..... | 7 |
| Enquadramento conceptual..... | 8 |
| Objetivos..... | 11 |
| Método..... | 11 |
| Participantes..... | 11 |
| Instrumentos..... | 12 |
| Procedimentos..... | 15 |
| Resultados..... | 16 |
| Discussão..... | 21 |
| Referências..... | 28 |
| Apêndices..... | 36 |
| Referências Gerais | 44 |
| Anexos: Protocolos Aplicados | 46 |

INTRODUÇÃO

Analisando o percurso histórico do conceito de psicopatia, verifica-se que a psicopatia é um constructo com uma longa história, abordado por vários autores de referência (e.g., Pinel, Pritchard, Rush, Kraepelin, Schneider). Contudo, considera-se que o marco referencial para a formulação atual do conceito de psicopatia fica a dever-se a Hervey Cleckley (Patrick, 2006), mais especificamente, aquando da publicação da monografia *The Mask of Sanity* (1941/1988).

Atualmente, o debate em torno da conceptualização do conceito de psicopatia ainda se mantém em aberto. No contexto desta discussão estão autores que defendem que a psicopatia deve ser conceptualizada a partir de um modelo de dois fatores (Hare 1991, 2003), outros defendem que deve ser a partir de três fatores (Cooke & Michie, 2001) e outros, por quatro (Hare & Neumann, 2006).

Independentemente do debate em torno da dimensionalidade do construto, o estudo da psicopatia em adultos tem proporcionado uma melhor compreensão do comportamento antissocial mais grave (Van Baardewijk, Stegge, Andershed, Thomaes, Scholte, & Vermeiren, 2008). Até há poucos anos, os dados empíricos obtidos no estudo da psicopatia eram provenientes de adultos maioritariamente pertencentes à população forense (e.g., Hare, 1999; Hemphill, Hart, & Hare, 1994; Leistico, Salekin, DeCoster, & Rogers, 2008). A revisão destes estudos tem vindo a salientar a importância da articulação entre o estudo dos traços psicopáticos em idades mais jovens e a compreensão do desenvolvimento da psicopatia na idade adulta (Andershed, 2010; Farrington, 2005; Pardini & Loeber, 2008; Van Baardewijk et al., 2008). Desta forma, as investigações têm evidenciado que, similarmente aos adultos, os traços psicopáticos podem ser observados em idades mais precoces (Van Baardewijk et al., 2008).

Um alerta importante que tem vindo a ser divulgado é a pertinência da prevenção e intervenção precoce nesta problemática. A literatura revela que o tratamento de pessoas com personalidade psicopática é algo dispendioso, tendo repercussões em várias esferas: económico, social e familiar (Van Baardewijk et al., 2008). Os investigadores defendem que a compreensão desta realidade poderia ser minimizada se existisse uma intervenção precoce neste tipo de características (e.g., Forth & Burke, 1998; Frick, 1998). Especificamente, considera-se que a identificação destas características numa idade precoce poderá ser benéfica, na medida em que em idades mais novas existe uma maior *malleabilidade*, potenciando um tratamento mais eficaz (Caldwell, Skeem, Salekin, & Van Rybroek, 2006). Como resultado destas evidências empíricas, têm sido usados vários instrumentos de medição de psicopatia.

Um dos instrumentos mais utilizados neste campo é o *Inventário de Traços Psicopáticos* (ITP; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; tradução e adaptação portuguesa de Simões, Abrunhosa Gonçalves & Lopes,

2010) que visa avaliar a existência de traços psicopáticos em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (Andershed et al., 2002). O ITP, relativamente a outros instrumentos que também avaliam traços psicopáticos, apresenta algumas vantagens, como por exemplo: não necessita de uma formação específica para a sua aplicação (Hillege, Das, & de Ruiter, 2010) e é constituído por um grande número de itens elaborados de forma a reduzir a probabilidade de respostas socialmente desejáveis (Andershed-et al., 2002; Van Baardewijket al., 2008). Além disso, o ITP foi desenvolvido para poder ser aplicado em amostras de adolescentes da população geral (Andershed et al., 2002). Esta particularidade revela-se fundamental, nomeadamente, ao nível da prevenção (Van Baardewijket al., 2008). De uma forma geral, o ITP tem demonstrado uma boa fidedignidade (e.g., Andershed et al., 2002; Skeem & Cauffman, 2003).

A justificação da utilidade deste instrumento para a população portuguesa centraliza-se no facto do ITP ser considerado um instrumento de eleição e também, conforme já referimos, no enfoque que tem sido dado nas últimas décadas ao estudo dos traços psicopáticos em adolescentes.

Contudo, os estudos em Portugal, particularmente, com respeito à análise das características psicométricas do ITP são escassos. Até ao momento, apenas conhecemos os resultados obtidos por Simões (2001, não publicado). Dessa investigação, fizeram parte 500 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, a frequentarem o ensino regular e profissional. De uma forma geral, os dados obtidos demonstraram uma boa qualidade psicométrica do ITP. Porém e, atendendo aos aspetos positivos do estudo de Simões (2011), pareceu-nos que o procedimento utilizado na Análise Fatorial Confirmatória (AFC) do ITP aponta para a prossecução de novos estudos. A fundamentação dessa necessidade advém, por exemplo, do facto de a autora, para a realização da AFC, optar pelo método de *parcelarização* ao invés do ajustamento global do modelo. (Simões, 2011). Saliente-se, ainda o facto da composição original do ITP ter sido alterada, isto é, o instrumento passou a ser constituído por 48 itens, tendo sido extraídos dois itens (item 12 e 17) (Simões, 2011).

Assim sendo, visto que a validação de um instrumento é algo inacabado e atendendo aos aspetos positivos da investigação de Simões (2001), consideramos que os dados obtidos ainda poderão ser aprimorados, nomeadamente, analisar o ajustamento global do modelo de acordo com o modelo original (Andershed et al., 2002), acrescentando-se, ainda, além de outras propriedades psicométricas, o estudo da intercorrelação dos fatores e o cálculo da estabilidade temporal.

Desta forma, o presente estudo teve como principal objetivo estudar a dimensionalidade e as propriedades psicométricas da versão portuguesa do ITP numa amostra constituída por 834 adolescentes da população geral. Adicionalmente, outra justificativa para a realização deste estudo prende-se com o facto de no Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo Comportamental (CINEICC) estarem a decorrer investigações no âmbito da relação entre a *vergonha* e a *psicopatia* em

adolescentes da população geral e em contato com o sistema de justiça. Assim sendo, este estudo pretende contribuir com a disponibilização de dados robustos acerca do ITP, que possa auxiliar o desenvolvimento das investigações em curso.

Tendo em conta tudo o que já foi enumerado, consideramos pertinente examinar as características psicométricas do ITP numa amostra de adolescentes portugueses.

Título abreviado: INVENTÁRIO DE TRAÇOS PSICOPÁTICOS

Modelo Trifatorial da Psicopatia: Características Psicométricas da Versão Portuguesa
do Inventário de Traços Psicopáticos - ITP

Trifactorial Model of Psychopathy: Psychometric Characteristics of the Portuguese
Version of Youth Psychopathic Traits Inventory - YPI

Tipo de Artigo: (artigo original)

Modelo Trifatorial da Psicopatia: Características Psicométricas da Versão Portuguesa do Inventário de Traços Psicopáticos - ITP

Resumo

O modelo trifatorial da psicopatia proposto por Cooke e Michie (2001) conceptualiza o construto de psicopatia a partir de um conjunto de três dimensões da personalidade: estilo interpessoal arrogante e dissimulado, experiência afetiva deficitária e estilo comportamental impulsivo e irresponsável. Tendo como referência este modelo, o Inventário de Traços Psicopáticos (ITP; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; tradução e adaptação portuguesa de Simões, Abrunhosa Gonçalves & Lopes, 2010) avalia a existência de traços psicopáticos em adolescentes. Numa amostra de 834 adolescentes da população geral, a dimensionalidade do inventário foi verificada através de uma Análise Fatorial Confirmatória. Os resultados confirmam uma estrutura idêntica à versão original (Andershed et al., 2002). Os dados mostram que o inventário possui uma boa consistência interna (ITP total = .929), uma adequada estabilidade temporal e uma boa validade convergente. À semelhança de outras investigações, a subescala *frieza emocional* apresentou resultados pouco robustos. Apesar das limitações encontradas, os dados obtidos sugerem o ITP como uma medida útil para ser utilizada na população adolescente portuguesa, tornando-se necessário, em futuras investigações, o aprimoramento da escala, bem como, a confirmação dos resultados com outro tipo de amostras.

Palavras-chaves: ITP, inventário de traços psicopáticos, modelo trifatorial, características psicométricas

Trifactorial Model of Psychopathy: Psychometric Characteristics of the Portuguese Version of Youth Psychopathic Traits Inventory - YPI

Abstract

The trifactorial model of psychopathy proposed by Cooke and Michie (2001) conceptualizes the construct of psychopathy from three dimensions of personality: an arrogant and deceitful interpersonal style, a deficient affective experience style and an impulsive and irresponsible behavior style. Having this model as a reference, the Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; Portuguese version by Simões, Abrunhosa Gonçalves & Lopes, 2010) measures the existence of psychopathic traits in adolescents. In a sample of 834 adolescents from general population, the dimensionality of the inventory was tested by a Confirmatory Factor Analysis. The results demonstrated a similar structure to the original version (Andershed et al., 2002). Data showed that the inventory has a good internal consistence (YPI total = .929), an adequate temporal stability and a satisfactory convergent validity. Parallel to other studies, the *callousness* subscale, showed little robust results. Despite having found some limitations on the study, data suggest that the YPI is a useful instrument to be applied in Portuguese adolescent population, demanding, however, in future investigations, the improvement of scale and the replication of results in other kind of samples.

Keywords: YPI, youth psychopathic traits inventory, trifactorial model, psychometric characteristics

Modelo Trifatorial da Psicopatia: Características Psicométricas da Versão Portuguesa
do Inventário de Traços Psicopáticos - ITP

A psicopatia é um constructo clínico (Veen, Stevens, Andershed, Raaijmakers, Doreleijers, & Vollebergh, 2011) que agrega em si uma constelação de traços interpessoais, afetivos e comportamentais (Andershed et al., 2002; Cooke & Michie, 2001; Cooke, Michie, Hart, & Clark, 2004; Farrington, 2005). O estudo dos traços psicopáticos em adultos tem vindo a assumir uma importância crescente na compreensão do comportamento antissocial mais grave (Van Baardewijk, Stegge, Andershed, Thomaes, Scholte, & Vermeiren, 2008).

Investigações recentes têm também demonstrado que, similarmente aos adultos, os traços psicopáticos podem também ser observados em idades mais precoces (Van Baardewijk et al., 2008), enfatizando, assim, a importância do estudo dos traços psicopáticos em crianças e adolescentes (Andershed, 2010; Burke, Loeber, & Lahey, 2007; Farrington, 2005; Van Baardewijk et al., 2008). No mesmo sentido, a DSM-V incluiu nos critérios de diagnóstico da Perturbação do Comportamento (*conduct disorder*) um especificador baseado na presença de traços psicopáticos, mais concretamente, a existência de emoções prossociais limitadas (ausência de remorso e culpa, ausência de empatia, despreocupação com o desempenho e deficiente experiência afetiva) (APA, 2013).

Um dos investigadores que mais colaborou para a compreensão do conceito de psicopatia foi Robert Hare (Hare, 1991). Este autor conceptualizava o constructo de psicopatia como composto por dois fatores correlacionados (Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003).

O primeiro fator associado a aspetos interpessoais e afetivos e o segundo fator associado a aspetos comportamentais, principalmente relacionados com um estilo de vida antissocial (Hare 1991, 2003). Outros investigadores propuseram que o conceito de psicopatia deveria antes integrar na sua definição três fatores (Cooke & Michie, 2001). Deste modo, o modelo de Cooke e Michie (2001) conceptualiza a psicopatia tendo em conta um estilo interpessoal arrogante e dissimulado (fator 1- interpessoal), uma experiência afetiva deficitária (fator 2-afetivo) e um estilo de comportamento impulsivo e irresponsável (fator 3-comportamental).

Ao longo dos tempos, vários estudos têm obtido resultados que apoiam este modelo trifatorial (Frick & Hare, 2001; Hart, Cox, & Hare, 1995; Skeem, Mulvey, & Grisso, 2003; Vitacco, Rogers, & Neumann, 2003). Hall, Benning e Patrick (2004) verificaram que: o fator 1 (interpessoal) se encontra associado a variáveis que refletem a *sociabilidade*, a *dominância social*, a baixa vulnerabilidade ao *stress* e a inteligência; o fator 2 (afetivo) relaciona-se positivamente com características de personalidade marcadas pela agressividade, *distanciamento social* e *busca de sensações* e o fator 3 (comportamental) demonstrou estar associado ao *afeto negativo*, à elevada reatividade ao *stress*, à agressividade e à impulsividade.

Um dos instrumentos de eleição que tem vindo a ser utilizado no estudo do modelo de três fatores é o *Inventário de Traços Psicopáticos* (ITP; *Youth Psychopathic Traits Inventory*; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; tradução e adaptação portuguesa de Simões, Abrunhosa Gonçalves & Lopes, 2010). Este Inventário avalia a existência de traços psicopáticos em adolescentes. O ITP é composto por dez fatores de 1.^a ordem (subescalas) e três fatores de 2.^a ordem (dimensões) (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Composição do Inventário de Traços Psicopáticos

| Dimensões | Subescalas |
|--|--------------------------------------|
| Grandiosidade/manipulação (GM) | Sedução desonesta |
| | Grandiosidade |
| | Mentira |
| | Manipulação |
| Frieza/insensibilidade emocional (FIE) | Ausência de remorsos |
| | Ausência de emoções |
| | Frieza emocional |
| Impulsividade/irresponsabilidade (II) | Procura de emoções |
| | Impulsividade |
| | Falta de sentido de responsabilidade |

Alguns estudos têm revelado que o ITP se correlaciona positivamente com *comportamentos agressivos, delinquência, problemas de atenção, impulsividade e hostilidade* (Andershed et al., 2002; Cauffman, Kimonis, Dmitrieva & Monahan, 2009; Dolan & Rennie, 2007; Hillege, Das & de Ruitter, 2010; Skeem & Cauffman, 2003). Quanto às diferenças de gênero, ainda não existe um consenso. Existem estudos onde os rapazes pontuam alto nas três dimensões e nas dez subescalas (Andershed et al., 2002), outros apenas numa das três dimensões (Rucevic, 2010; Seals, Sharp, Ha, & Michonski, 2012), havendo, também, estudos onde não se verificam diferenças de gênero (Poythress, Dembo, Wareham, & Greenbaum, 2006). No estudo de Declercq, Markey, Vandist, & Verhaeghe (2009) verificou-se que os rapazes pontuaram alto em todas as dimensões e subescalas à exceção da subescala *impulsividade*.

O ITP já foi utilizado quer com adolescentes da comunidade, quer com adolescentes agressores (Andershed et al., 2002; Andershed, Hodgins, & Tengstrom, 2007; Poythress et al., 2006; Skeem & Cauffman, 2003). Contudo, estas amostras são maioritariamente provenientes de países da América e da Europa Ocidental (Veen, et al., 2011). No caso concreto de Portugal, as investigações ao nível da avaliação dos traços psicopáticos em adolescentes são escassas. Atualmente, apenas conhecemos o estudo de Simões (2011, não publicado). Não obstante os aspetos positivos dessa investigação, consideramos que os resultados obtidos poderão ser aprimorados de forma a se tornarem mais elucidativos, nomeadamente, ao nível dos procedimentos da Análise Fatorial Confirmatória, uma vez que a autora optou pelo método de *parcelarização* ao invés do ajustamento global do modelo (Simões, 2011).

Deste modo, no sentido de contribuir para o aprimoramento do ITP na população portuguesa, o presente estudo apresenta três objetivos: em primeiro lugar, pretende examinar a estrutura fatorial do ITP; em segundo lugar, propõe-se estudar as propriedades psicométricas da estrutura fatorial obtida, mais concretamente, através da análise da consistência interna, da análise da qualidade dos itens, da fidelidade teste-reteste, pretendendo, também explorar a validade convergente do ITP, usando medidas de *desregulação*, de *agressividade* e de *evitamento experiencial*; por último, visa examinar as diferenças de género.

Método

Participantes

Foi constituída uma amostra de conveniência, com adolescentes da população geral que permitisse o estudo da dimensionalidade e características psicométricas do

ITP. Os dados foram recolhidos em várias regiões de Portugal entre abril de 2012 e abril de 2013. Os sujeitos são naturais de várias zonas do país, não sendo possível referir uma zona específica. Como critérios de exclusão dos participantes teve-se em conta: a) escalas incompletas ou mal preenchidas, b) doença mental, c) ter tido nos dois últimos anos consulta de psicologia e/ou psiquiatria, d) estar sob o efeito de álcool/drogas no momento da avaliação.

Participaram no estudo 834 adolescentes da população geral. Dos 834 adolescentes, 448 são do sexo masculino (53.7%) e 386 do sexo feminino (46.3%). Os jovens apresentam idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos ($M = 16.42$; $DP = 1.17$) e o número de anos de escolaridade varia entre os 5 e os 12 anos ($M = 9.88$; $DP = 1.32$). No que diz respeito ao nível socioeconómico, 233 jovens (27.9%) pertencem ao nível socioeconómico baixo, 489 (58.6%) pertencem ao nível socioeconómico médio e 112 (14.5%) pertencem ao nível socioeconómico alto.

Instrumentos

1. Traços Psicopáticos

Inventário de traços psicopáticos em adolescentes e jovens adultos (ITP; *Youth Psychopathic Traits Inventory*; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; tradução e adaptação portuguesa de Simões, Abrunhosa Gonçalves & Lopes, 2010). O ITP avalia a existência de traços psicopáticos em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade e foi desenvolvido para ser uma medida de autorresposta. É composto por 50 itens, com diversas características da personalidade psicopática. É pedido ao sujeito que leia um conjunto de frases e analise em que grau concorda ou discorda da aplicação dessas frases a si. Para este efeito

utiliza-se uma escala com um formato de resposta tipo Likert que varia entre 1 (“*Discordo muito*”) e 4 (“*Concordo muito*”). No estudo original, Andershed et al., (2002) descreveu alfas de *Cronbach* de .88 ITP total; .84 (GM); .74 (FIE); .78 (II) e .66-.82 para os dez fatores. As correlações interitem variaram entre $r = .24-.50$ (Andershed et al., 2002; Skeem & Cauffman, 2003). O instrumento apresentou bons índices de ajustamento global, CFI = .95; NFI = .93; RMSEA = .09 (Andershed et al., 2002). No estudo de Simões (2011), foram obtidos valores de consistência interna de .936 (ITP total), .926 (GM) .582 (FIE), .837 (II) e .73-.90 para as dez subescalas. Relativamente à análise fatorial confirmatória, o instrumento apresentou os seguintes valores de ajustamento: CFI = .95; NFI = .94; RMSEA = .088 (Simões, 2011).

2. Desregulação

Inventário de desregulação abreviado (ADI - *Abbreviated Dysregulation Inventory*; A. Mezzich, R. Tarter, P. Giancola & Kirish 2001; traduzido por M. Petiz & D. Rijo, 2011). O ADI é um questionário de autorrelato utilizado para medir a desregulação em adolescentes. É composto por três subescalas: *desregulação emocional/afetiva* (DE), *desregulação comportamental* (DCO) e *desregulação cognitiva* (DC). As subescalas do ADI têm demonstrado boas consistências internas: subescala DE ($\alpha = .88$), subescala DCO ($\alpha = .80$) (Marsee, 2008; Mezzich et al., 1997; Pardini, Lochman & Frick, 2003) e subescala DC ($\alpha = .77$) (Marsee, 2005). Neste estudo foram obtidos os seguintes alfas de *Cronbach*: ADI total ($\alpha = .868$), subescala *desregulação emocional* ($\alpha = .859$), subescala *desregulação comportamental* ($\alpha = .880$) e subescala *desregulação cognitiva* ($\alpha = .862$).

3. Evitamento Experiencial

Questionário de Aceitação e Ação (AAQ II - *Acceptance and Action*

Questionnaire-II; Bond, et al., 2011; versão portuguesa de Pinto Gouveia, Gregório, Dinis, & Xavier, 2011). É um questionário de autorrelato, inicialmente composto por 10 itens sendo posteriormente reduzidos a 7 itens (Bond et al., 2011). É uma medida de *evitamento experiencial*, que “traduz a relutância para permanecer em contacto com experiências privadas (e.g., pensamentos, memórias, sensações, sentimentos) e a tentativa de alterar a forma e/ou frequência dessas experiências ou os contextos que as originam” (Castilho, 2011, p.98). O AAQII tem demonstrado um alfa de *Cronbach* de .83) (Bond et al., 2011). Neste estudo, o AAQ-II apresenta um alfa de *Cronbach* de .825.

4. Agressividade

Questionário da Agressividade (AQ- *Agression Questionnaire*; Buss & Perry,

1992; Tradução e adaptação: Ana Vieira & Cristina Soeiro, 2002). É um questionário de autorresposta, formado por 29 itens que permitem avaliar quatro componentes da agressividade (“*agressão física*”, “*agressão verbal*”, “*hostilidade*” e “*raiva*”). Na validação do instrumento para a população portuguesa, obtiveram-se para o AQ total ($\alpha = .87$) e medidas de alfa de *Cronbach* entre .60 e .81 para as quatro componentes (Vieira & Soeiro, 2002; Buss & Perry, 1992; Simões, 1993). No presente estudo, obteve-se os seguintes valores: AQ total ($\alpha = .893$), *agressão física* ($\alpha = .844$), *agressão verbal* ($\alpha = .692$), *raiva* ($\alpha = .779$) e *hostilidade* ($\alpha = .736$).

Procedimentos

Procedimentos metodológicos

O conjunto de questionários de autorresposta foi administrado maioritariamente pelos alunos do quarto ano da licenciatura de psicologia (ano letivo: 2012/2013 e 2013/2014). Foi fornecida uma explicação da natureza e objetivos do estudo aos respondentes. Ao preenchimento dos questionários, juntou-se uma ficha de caracterização sócio-demográfica e uma folha de consentimento informado, devidamente assinada pelos participantes ou pelo seu representante legal, no caso de jovens menores de idade. De acordo com os requisitos éticos, reforçou-se o caráter voluntário da participação na investigação e a possibilidade de abandonar o estudo se o participante assim o desejasse. A questão do anonimato dos participantes, bem como, a confidencialidade das repostas foi assegurada a todo o momento. Sendo garantido aos respondentes que as suas respostas apenas seriam usadas no contexto da investigação.

Procedimentos estatísticos

Na análise da dimensionalidade do ITP, optou-se por uma análise fatorial confirmatória (AFC), no sentido de examinar em que medida o modelo proposto por Andershed et al., (2002) pode ser confirmado numa amostra comunitária de adolescentes portugueses. A estrutura original do ITP (Andershed et al., 2002) inclui fatores de primeira e segunda ordem. A análise da qualidade de ajustamento global do modelo foi calculada utilizando os índices de ajustamento *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Segundo Hu e Bentler (1999), considera-se um bom ajustamento do modelo quando $SRMR \leq .08$ e $RMSEA \leq .06$. A qualidade do ajustamento também foi analisada através

da validade fatorial. Assim, considerou-se como critérios aceitáveis pesos fatoriais (i.e. *fator loadings*) com um valor mínimo de .30 (Kahn, 2006; Tabachnick & Fidell, 1989; Worthington & Whittaker, 2006).

A análise da qualidade dos itens foi feita através do cálculo da correlação do item com o total da escala exceto o próprio item. Seguidamente, examinou-se a consistência interna do ITP através do cálculo do coeficiente de alfa de *Cronbach*, considerado o melhor índice de fidelidade de um teste (Nunnally, 1978)¹. Foram calculadas correlações de *Pearson*, para averiguar a associação entre o ITP total, as dimensões e subescalas, estudar a estabilidade temporal e a validade convergente (Pallant, 2010). Para o estudo das diferenças de género, recorreu-se ao teste t de *Student* para amostras independentes (Pallant, 2010).

Os procedimentos estatísticos utilizados para a Análise Fatorial Confirmatória foram realizados com o *Software Mplus* versão 6.12 (Muthén & Muthén, 1998-2011). Os procedimentos estatísticos utilizados para o estudo das estatísticas descritivas foram efetuados através do SPSS 21 (versão 21; SPSS Inc, Chicago, IL, USA).

Resultados

Análise Fatorial Confirmatória

O modelo original do ITP é composto por 50 itens, 10 fatores de 1.^a ordem e 3 fatores de 2.^a ordem (cf. Apêndice A). De acordo com os valores de referência propostos por Hu e Bentler (1999), os índices de ajustamento obtidos nesta análise

¹ Os valores de referência usados para a análise da consistência interna, foram os índices indicados por Pestana e Gageiro (2008).

evidenciam um bom ajustamento do modelo (RMSEA = .056; p [rmsea < .05] e SRMR = .066).

Adicionalmente, os pesos fatoriais estandardizados também se revelaram adequados dado que foram superiores a .30. Especificamente, a leitura do modelo permite observar que os pesos fatoriais estandardizados entre os fatores de 1.^a ordem (*Sedução desonesta, Grandiosidade, Mentira, Manipulação, Ausência de remorsos, Ausência de emoções, Frieza emocional, Procura de emoções, Impulsividade e Falta de sentido de responsabilidade*) e os itens que os representam oscilam entre .353 e .769, considerando-se bastante satisfatórios. Por sua vez, os pesos fatoriais estandardizados entre os fatores de 1.^a ordem e os respetivos fatores de 2.^a ordem (*Grandiosidade/manipulação, Frieza/insensibilidade emocional e Impulsividade/irresponsabilidade*) revelaram efeitos elevados e os valores variaram entre .716 e .960. Relativamente aos fatores de 2.^a ordem, estes apresentam-se positivamente correlacionados entre si ($r = .583$ a $r = .751$). Mais concretamente, o fator *Grandiosidade/manipulação* apresenta uma correlação moderada ($r = .583$) com o fator *Impulsividade/irresponsabilidade* e uma correlação alta com o fator *Frieza/insensibilidade emocional* ($r = .751$). Por sua vez, o fator *Frieza/insensibilidade emocional* apresenta uma correlação moderada com o fator *Impulsividade/irresponsabilidade* ($r = .679$).

Análise dos itens e Consistência interna do ITP

A análise da qualidade dos itens (cf. Apêndice B) mostrou que à exceção de três itens (item: 25, 12, 3), na generalidade, os itens da escala apresentam correlações item-total adequadas (variando entre .317 e .711), de magnitude baixa a moderada.

Especificamente, os valores nas subescalas variam entre .398 e .711 (*Sedução desonesta*), .450 e .603 (*Grandiosidade*), .454 e .584 (*Mentira*), .503 e .643 (*Manipulação*), .396 e .497 (*Ausência de remorsos*), .266 e .464 (*Ausência de emoções*), .231 e .467 (*Frieza emocional*), .346 e .481 (*Procura de emoções*), .253 e .582 (*Impulsividade*) e .360 e .539 (*Falta de sentido de responsabilidade*).

Quanto aos valores de alfa de *Cronbach* (cf. Apêndice C), o total do ITP apresentou uma consistência interna excelente ($\alpha = .929$). Paralelamente, o valor de consistência interna obtido nos fatores de 2.^a ordem também se mostraram bons (*grandiosidade/manipulação* $\alpha = .911$; *frieza/insensibilidade emocional* $\alpha = .818$ e *impulsividade/ irresponsabilidade* $\alpha = .820$).

Quanto às subescalas, obtiveram-se valores de consistência interna fracos a razoáveis: .792 (*Sedução desonesta*), .760 (*Grandiosidade*), .753 (*Mentira*), .795 (*Manipulação*), .685 (*Ausência de remorsos*), .631 (*Ausência de emoções*), .606 (*Frieza emocional*), .664 (*Procura de emoções*), .656 (*Impulsividade*) e .691 (*Falta de sentido de responsabilidade*). Concretamente, o alfa de *Cronbach* mais alto pertence à subescala *Manipulação* e o mais baixo à subescala *Frieza emocional*.

Intercorrelações do ITP dimensões e subescalas

Para analisar a associação entre o ITP total, as subescalas (fatores de 1.^a ordem) e as dimensões (fatores de 2.^a ordem), foram calculadas correlações de *Pearson*. De acordo com os resultados (cf. Apêndice D) verificaram-se, à exceção da subescala *frieza emocional* ($r = .102$; $p < .01$), correlações moderadas a altas ($r = .605$ a $r = .808$; $p < .01$) entre as subescalas e o total do ITP. Por sua vez, obtiveram-se correlações moderadas a altas entre os fatores de 2.^a ordem e o total do ITP ($r = .779$ a $r = .915$; $p <$

.01). Ao analisar a correlação dos fatores de 2.^a ordem entre si, verifica-se que estes estão positivamente correlacionados. Especificamente, o fator *Impulsividade/irresponsabilidade* apresenta uma correlação moderada ($r = .555$; $p < .01$) com o fator *Grandiosidade/manipulação*, e com o fator *Frieza/insensibilidade emocional* ($r = .460$; $p < .01$). Por sua vez, o fator *Frieza/insensibilidade emocional* apresenta uma correlação moderada com o fator *Grandiosidade/manipulação* ($r = .627$; $p < .01$). Quanto às correlações das subescalas com os seus respectivos fatores de 2.^a ordem, encontramos e, à exceção da subescala *frieza emocional*, correlações de magnitude baixa a alta, significando que os fatores de 2.^a ordem e as subescalas que os representam estão correlacionados entre si. Mais especificamente, no fator *grandiosidade/manipulação*, obtiveram-se correlações altas entre este fator e as subescalas *sedução desonesta*, *grandiosidade*, *mentira* e *manipulação* ($r = .776$ a $r = .887$; $p < .01$). No fator *frieza/insensibilidade emocional*, obtiveram-se correlações baixas a altas entre este fator e as subescalas *ausência de remorsos*, *ausência de emoções* e *frieza emocional* ($r = .316$ a $r = .838$; $p < .01$). Por sua vez, no fator *impulsividade/irresponsabilidade*, obtiveram-se correlações altas entre este fator e as subescalas *procura de emoções*, *impulsividade* e *falta de sentido de responsabilidade* ($r = .805$ a $r = .825$; $p < .01$).

Quanto à correlação das subescalas entre si, de uma forma geral, obtiveram-se valores de moderada magnitude. Contudo, saliente-se que a subescala *frieza emocional* foi aquela que apresentou valores de baixa magnitude, quer com as subescalas que pertencem ao seu fator de 2.^a ordem (*frieza/insensibilidade emocional*), quer com as subescalas que pertencem aos outros fatores (*grandiosidade/manipulação* e *impulsividade/irresponsabilidade*).

Fidelidade teste-reteste

Para o cálculo da estabilidade temporal da medida (cf. Apêndice D), utilizou-se o coeficiente de correlação de *Pearson* para o ITP total, dimensões e subescalas. O questionário foi administrado a um subgrupo da amostra de adolescentes ($n = 60$) que, após um intervalo de tempo de 3 semanas, voltaram novamente a preencher o ITP. Obteve-se para o total do ITP um coeficiente de correlação alto ($r = .732; p < .05$) indicativo de uma boa consistência temporal do inventário. De uma forma geral, os valores das dimensões e subescalas do ITP foram satisfatórios, variando entre $r = .383$ a $r = .826$. A correlação mais baixa foi a da subescala *frieza emocional*.

Validade convergente

O estudo da validade convergente (cf. Apêndice E) foi realizado através do cálculo das correlações entre os três fatores de 2.^a ordem do ITP e as medidas de *agressividade* avaliadas pelo total e subescalas do AQ, pelo *evitamento experiencial* avaliado pelo total do AAQ II e *desregulação* avaliada pelo total e subescalas do ADI.

Os resultados indicaram que o fator *impulsividade/irresponsabilidade* apresenta uma correlação positiva ($r = .258; p < .01$) com a medida de evitamento experiencial. Adicionalmente, os fatores *grandiosidade/manipulação*, *frieza/insensibilidade emocional* e *impulsividade/irresponsabilidade* correlacionam-se de uma forma significativa e positiva com a subescala *agressão física*, a subescala *hostilidade* e com o total do Questionário de agressividade. Os resultados de maior magnitude pertencem ao fator *impulsividade/irresponsabilidade*. Por sua vez, os fatores *grandiosidade/manipulação* e *impulsividade/irresponsabilidade* correlacionam-se positivamente com a subescala *agressão verbal* e a subescala *raiva*. Novamente, os padrões de maior magnitude estão presentes no fator *impulsividade/irresponsabilidade*.

Encontrámos, também, um padrão de associação entre os três fatores de 2.^a ordem e as subescalas *desregulação comportamental*, *emocional* e o total do Inventário de desregulação abreviado. Novamente, verificou-se que as correlações de maior magnitude pertencem ao fator *impulsividade/irresponsabilidade*. Similarmente, verificou-se uma associação positiva e de magnitude moderada deste fator com a subescala *desregulação comportamental* ($r = .604$; $p < .01$). Quanto à subescala *desregulação cognitiva*, os resultados foram menos expressivos em todos os fatores.

Diferenças de Género

Para o estudo das diferenças de género, recorremos ao uso do teste t de *Student* para duas amostras independentes no sentido de comparar as médias de cada uma nas dimensões, subescalas e pontuação total do ITP (cf. Apêndice F). Os resultados mostram que, à exceção da subescala *impulsividade* [$t(832) = .87$; $p = .385$], em todas as demais subescalas, dimensões e ITP total se observaram diferenças estatisticamente significativas ($p < .001$)² entre o género masculino e feminino. Em todos esses *scores*, os rapazes apresentaram, em média, resultados superiores aos das raparigas.

Discussão

No decorrer dos tempos, várias são as investigações que salientam a importância do estudo dos traços psicopáticos em idades precoces. Um instrumento que se tem vindo a revelar como útil e válido no estudo dos traços psicopáticos em crianças e

² De forma a garantir um maior poder estatístico (nível de significância), usámos a correção de Bonferroni (p-value), a estratégia mais adequada no caso de comparações múltiplas entre os mesmos grupos.

adolescentes (e.g., Andershed et al., 2002; Skeem & Cauffman, 2003) é o Inventário de Traços Psicopáticos (ITP; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; tradução e adaptação portuguesa de Simões, Abrunhosa Gonçalves & Lopes, 2010).

Apesar do enfoque dado ao estudo destes traços, as investigações em Portugal nesta área ainda são escassas. Assim, o presente estudo teve como principal objetivo dar um contributo para a validação do ITP na população portuguesa, analisando a sua estrutura fatorial (dimensionalidade) e qualidades psicométricas numa amostra de adolescentes da população geral.

A versão portuguesa do ITP revelou uma estrutura dimensional semelhante à versão original (Andershed et al., 2002). Os autores da escala validaram o instrumento numa amostra comunitária de adolescentes (N= 1024), obtendo dez fatores de 1.^a ordem (*sedução desonesta, grandiosidade, mentira, manipulação, ausência de remorsos, ausência de emoções, frieza emocional, procura de emoções, impulsividade e falta de sentido de responsabilidade*) e três fatores de 2.^a ordem (*grandiosidade/manipulação, frieza/insensibilidade emocional e impulsividade/irresponsabilidade*). Desta forma, o fator *grandiosidade/manipulação* é formado pelas subescalas: *sedução desonesta* (5itens), *grandiosidade* (5itens), *mentira* (5itens) e *manipulação* (5itens). O fator *frieza/insensibilidade emocional* é constituído pelas subescalas: *ausência de remorsos* (5itens), *ausência de emoções* (5itens) e *frieza emocional* (5itens). Por sua vez, o fator *impulsividade/irresponsabilidade* é composto pelas subescalas: *procura de emoções* (5itens), *impulsividade* (5itens) e *falta de sentido de responsabilidade* (5itens). Esta estrutura multidimensional foi confirmada por estudos posteriores (e.g., Simões, 2011; Van Baardewijk et al., 2008; Veen, et al., 2011). Contudo, Poythress et al., (2006) num estudo com uma amostra forense (n = 165) não confirmaram a estrutura fatorial

proposta uma vez que apenas encontraram um bom ajustamento do modelo quando removeram a subescala *mentira*.

Em relação à qualidade dos itens do ITP, de uma forma geral, os dados obtidos demonstram que os itens são coerentes e não redundantes (Pestana & Gageiro, 2008). No que diz respeito à consistência interna, obteve-se um elevado alfa de *Cronbach* para o total do ITP, apontando para uma boa fidedignidade do instrumento. Este resultado está de acordo com os resultados obtidos quer no estudo original (Andershed et al., 2002), quer em estudos posteriores (e.g., Skeem & Cauffman, 2003; Poythress et al., 2006; Simões, 2011). No seu conjunto, os dados empíricos destes estudos têm apontado para uma boa consistência interna do inventário. No entanto, e à semelhança do nosso estudo, a subescala *frieza emocional* é a que maioritariamente quer em amostras forenses, quer em comunitárias, apresenta baixos valores de consistência interna (e.g., Declercq et al., 2009; Hall, Benning, & Patrick, 2004; Dolan & Rennie, 2007; Poythress et al., 2006; Simões, 2011; Skeem & Cauffman, 2003). Os autores apontam que uma possível justificação para os resultados obtidos nesta subescala prende-se com a dificuldade de avaliar aspetos afetivos através de questionários de autorrelato (Declercq et al., 2009). Adicionalmente, Poythress et al., (2006) consideram que os itens que avaliam o domínio afetivo, de uma forma geral, são suscetíveis a respostas socialmente desejáveis.

Quanto à intercorrelação do ITP total com as dimensões e subescalas, verificou-se que, apesar de existir uma associação entre eles, não existe sobreposição de conceitos, confirmando o padrão proposto no estudo original (Andershed et al., 2002). Porém, a subescala *frieza emocional*, de uma forma geral, apresentou um padrão de valores de baixa magnitude, nomeadamente, com as subescalas que representam o seu

fator de 2.^a ordem. Estes resultados estão em conformidade com outros estudos, onde esta subescala tem manifestado um comportamento semelhante, indo ao encontro daquilo que Poythress et al., (2006) defendem, ou seja, estes autores equacionam a necessidade de se reverem os itens do fator *frieza/insensibilidade emocional*, principalmente, os da subescala *frieza emocional*.

Relativamente à fidedignidade teste-reteste, avaliada num intervalo de três semanas, o ITP mostrou uma boa estabilidade temporal. Resultado semelhante ao encontrado após um intervalo de seis meses ($r = .76$) (Van Baardewijk et al., 2008).

No estudo da validade convergente, os três fatores de 2.^a ordem: *grandiosidade/manipulação*, *frieza/insensibilidade emocional* e *impulsividade/irresponsabilidade* revelaram associações significativas com as medidas de agressividade e com as medidas que avaliam a desregulação. Estes resultados sugerem uma boa validade convergente do ITP, estando em harmonia com os dados encontrados noutras investigações, onde os três fatores aparecem de uma forma significativa associados, entre outras, a variáveis que medem *problemas de atenção*, *hostilidade*, *impulsividade* e *agressividade* (e.g., Cauffman et al., 2009; Dolan & Rennie, 2007; Hall, Benning & Patrick, 2004; Skeem & Cauffman, 2003;). Uma análise comparativa dos resultados obtidos permitiu verificar que a dimensão *impulsividade/irresponsabilidade* foi a que apresentou uma maior associação com outras medidas, designadamente, com a variável *desregulação comportamental* (mede o *comportamento impulsivo*, *hiperatividade* e a *busca de sensações*). Estes dados apoiam os resultados de outros estudos que mostram que a dimensão *impulsividade/irresponsabilidade*, se associa de forma significativa a *problemas*

internalizantes, externalizantes, abuso de drogas e comportamento delinquente (Hillege et al., 2010; Poythress et al., 2006).

De uma maneira geral, os resultados obtidos no estudo da validade convergente sugerem que a presença de traços psicopáticos se associam a características de agressividade e a comportamento desregulado, nomeadamente, impulsividade e hiperatividade.

Quanto à análise das diferenças de género, verificámos que, à exceção da subescala *impulsividade*, os rapazes apresentaram valores superiores aos das raparigas. A justificação para estes resultados é difícil de fazer, uma vez que os dados na literatura sobre este assunto ainda são inconclusivos. Há estudos que têm revelado diferenças de género (e.g., Andershed et al., 2002; Rucevic, 2010; Seals, et al., 2012), outros não apresentam diferenças (Poythress et al., 2006) e outros, à semelhança do nosso estudo, obtiveram diferenças de género (rapazes tiveram pontuações mais altas), à exceção da subescala *impulsividade* (e.g., Declercq et al., 2009). Por sua vez, nas investigações realizadas com amostras adultas, verifica-se que os traços psicopáticos são mais prevalentes em homens (Hare 1991, 2003).

Os resultados obtidos devem ser examinados tendo em conta algumas limitações. Uma das limitações do nosso estudo diz respeito à análise da dimensionalidade do ITP. Embora tenhamos encontrado indicadores de adequação do modelo satisfatórios, consideramos necessário em estudos futuros aprimorar esta escala no sentido de se obter outros índices de ajustamento (e.g., CFI , NFI). Adicionalmente, e tendo em conta que algumas respostas dos participantes poderão corresponder a descrições exageradas do comportamento, ou a respostas socialmente desejáveis, consideramos importante em futuras investigações ter especial atenção a este tipo de

comportamentos, pois poderão comprometer, pelo menos parcialmente, a validade dos dados obtidos com o ITP. Por sua vez, outro importante tópico para futuras investigações prende-se com os resultados pouco robustos da subescala *frieza emocional*. Assim, parece-nos que estes itens poderiam ser alvo de uma revisão, de modo a melhorar a validade de construto na avaliação desta dimensão da psicopatia.

Outra limitação deste estudo prende-se com facto de apenas termos obtido resultados robustos na análise da validade convergente e menos robustos na análise da validade divergente. Assim sendo, em futuras investigações consideramos importante examinar a validade divergente do instrumento (e.g., com medidas ansiedade, empatia, culpa). Ainda no que diz respeito ao estudo da validade convergente e uma vez que, dos três fatores de 2.^a ordem, o fator *impulsividade/irresponsabilidade* foi o que revelou resultados de maior magnitude. Consideramos, por isso, necessário em estudos futuros aprofundar mais pormenorizadamente e com outras variáveis a validade convergente dos fatores *grandiosidade/manipulação* (e.g., medidas de narcisismo, auto estima, desejabilidade social) e *frieza/insensibilidade emocional* (e.g., medidas de hostilidade). Adicionalmente e atendendo que se encontraram associações significativas com medidas de agressividade, ponderamos, da mesma forma, ser importante em futuras investigações usar medidas específicas que possam permitir um conhecimento mais aprofundado sobre a associação entre a agressividade e os traços psicopáticos, uma vez que, segundo a literatura, esta associação é um fator preditor de comportamentos delinquentes em adolescentes da população comunitária (Marsee et al., 2005).

Tendo em conta que a nossa amostra é apenas constituída por adolescentes da população geral, considera-se necessário de futuro validar o questionário com outras amostras, nomeadamente, amostras forenses, no sentido de confrontar os resultados

obtidos. Este facto irá permitir uma base de comparação entre amostras da população geral e amostras forenses. Desta forma, constitui-se também importante o estudo da validade discriminante.

Não obstante as limitações anteriormente apontadas, os resultados obtidos neste estudo sugerem que a versão portuguesa do ITP apresenta boas qualidades psicométricas. Além disso, revela ser um instrumento adequado e fiável para a avaliação de traços psicopáticos em menores. Apontamos como um força deste estudo o facto de a nossa amostra ser constituída por adolescentes oriundos de várias partes do país, o que torna os estudos de validação mais robustos de um ponto de vista da generalização dos resultados.

Desta forma, tendo em consideração que já se obtiveram resultados promissores, justificamos a utilidade do ITP no estudo dos traços psicopáticos em adolescentes portugueses, particularmente, em virtude da importância que tem vindo a ser dada ao estudo destes traços em idades precoces. Em conformidade, refira-se, por exemplo, na DSM-V a inclusão nos critérios de diagnóstico da Perturbação do Comportamento (*conduct disorder*) de um especificador baseado na presença de traços psicopáticos (APA, 2013).

Desta forma, consideramos que os resultados obtidos tanto neste estudo, como em outros, poderão servir de alerta para futuras estratégias de intervenção com adolescentes quer da população geral, quer forense, no sentido de se identificar precocemente possíveis fatores de risco que poderão estar na origem do desenvolvimento de comportamentos agressivos e delinquentes (Van Baardewijk et al., 2008).

No caso concreto das amostras forenses, a utilidade reside no facto de os estudos nesta área terem vindo a revelar que a presença de traços psicopáticos está relacionada com um maior tempo de detenção, um envolvimento precoce e mais grave em atividades criminais e uma maior reincidência (Edens, Campbell, & Weir, 2007; Gretton, Hare, & Catchpole, 2004). Por sua vez, também se justifica como vantajoso o estudo dos traços psicopáticos em amostras comunitárias, não no sentido de “estigmatizar” os jovens, como alguns críticos afirmam, mas sim, no sentido de prevenir e compreender possíveis fatores de risco que possam estar na origem do desenvolvimento dos traços psicopáticos (Dadds, Fraser, Frost & Hawes, 2005).

Face ao exposto consideramos pertinente a validação do ITP, no contexto português. Como tal, esperamos que possa ser aplicado em novas investigações na área da psicopatia, podendo até mesmo vir a ser utilizado como um promissor auxiliar no rastreio precoce da psicopatia.

Referências

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Washington, DC: Author.
- Andershed, H. (2010). Stability and change of psychopathic traits: What do we know? In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 233–250). New York: Guilford.
- Andershed, H., Hodgins, S., & Tengstrom, A. (2007). Convergent validity of the Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI): Association with the psychopathy

checklist: Youth version (PCL:YV). *Assessment*, 14 (2), 144–154.

doi:10.1177/1073191106298286.

Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youths: initial test of a new assessment tool. In E. Blaauw, J. M.

Philippa, K. C. M. P.Ferenschild, & B. Van Lodesteijn (Eds.), *Psychopaths:*

Current International Perspectives (pp. 131–158).The Hague: Elsevier.

Bond, F.W., Hayes, S.C., Baer, R.A., Carpenter, K. C., Guenole, N., Orcutt, H.K.,

Waltz, T., & Zettle, R.D. (2011). Preliminary psychometric properties of the

Acceptance and Action Questionnaire – II: A revised measure of psychological

flexibility and acceptance. *Behaviour Therapy*, 42(4), 676-688. doi:

10.1016/j.beth.2011.03.007.

Burke, J. D., Loeber, R., & Lahey, B. B. (2007). Adolescent conduct disorder and

interpersonal callousness as predictors of psychopathy in young adults. *Journal*

of Clinical Child and Adolescent Psychology : The Official Journal for the

Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological

Association, Division 53, 36(3),334–346. doi:10.1080/15374410701444223.

Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Journal of Personality*

and Social Psychology, 63 (3), 452-458.

Castilho, P. (2011). Modelos de relação interna: Autocriticismo e Autocompaixão. Uma

abordagem evolucionária compreensiva da sua natureza, função e relação com a

psicopatologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação: Coimbra. Tese

de doutoramento.

Cauffman, E., Kimonis, E. R., Dmitrieva, J., & Monahan, K. C. (2009). A multimethod assessment of juvenile psychopathy: comparing the predictive utility of the PCL:YV, YPI and NEO PRI. *Psychological Assessment*, 21, 528–542. doi: 10.1037/a0017367.

Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity* (6th Ed.). St. Louis, MO: Mosby. (Original work published 1941).

Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13(2), 171–188. doi:10.1037//1040-3590.13.2.171.

Cooke, D. J., Michie, C., Hart, S. D., & Clark, D. A. (2004). Reconstructing psychopathy: Clarifying the significance of antisocial and socially deviant behavior in the diagnosis of psychopathic personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 18, 337–356. doi: 10.1521/pedi.18.4.337.40347.

Dadds, M. R., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. J. (2005). Disentangling conduct problems and early psychopathic traits in children: A longitudinal community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 400- 410.

Declercq, F., Markey, S., Vandist, K., & Verhaeghe, P. (2009). The Youth Psychopathic Trait Inventory: Factor structure and antisocial behaviour in non-referred 12-17-year-olds. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 29, 577-594. doi: 10.1080/14789940802651757.

Dinis, A., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2011). Contributos da validação da versão portuguesa do Questionário de Estilos de Coping. *Psychologica*, 54, 35–62.

- Dolan, M. C., & Rennie, C. E. (2007). The relationship between psychopathic traits measured by the youth psychopathic trait inventory and psychopathology in a UK sample of conduct disordered boys. *Journal of Adolescence*, *30*(4), 601–611. doi: 10.1016/j.adolescence.2006.07.002.
- Edens, J. F., Campbell, J. S., & Weiner, J. M. (2007). Youth Psychopathy and criminal recidivism: A meta-analysis of the psychopathy checklist measures,. *Law and Human Behavior*, *31* (1), 53-75. doi:10.1007/s10979-006-9019-y.
- Farrington, D. P. (2005). The importance of child and adolescent psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *33*(4), 489–497. doi: 10.1007/s10802-005-5729-8.
- Frick, P.J., & Hare, R. D. (2001). *The Antisocial Process Screening Device (APSD)*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Gretton, H. M., Hare, R. D., & Catchpole, R. E (2004). Psychopathy and offending from adolescence to adulthood: A 10-year follow-up. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *72* (4), 636-645. doi: 10.1037/0022-006X.72.4.636.
- Hall, J., Benning, S., & Patrick, C. (2004). Criterion-Related Validity of the Three Factor Model of Psychopathy. Personality, Behaviour, and Adaptive Functioning. *Assessment*, *11*, 4-16.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist Revised*. Toronto: Multi-Health Systems., Inc.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist – Revised*, (2nd ed.). Toronto: Multi- Health Systems., Inc.

Hart, S. D., Cox, D., & Hare, R. D. (1995). *Manual for the Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL:SV)*. Canada: Multi-Health Systems.

Hillege, S., Das, J., & de Ruiter, C. (2010). The Youth Psychopathic Traits Inventory: Psychometric properties and its relation to substance use and interpersonal style in a Dutch sample of non-referred adolescents. *Journal of Adolescence*, *33*, 83-91.

Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, *6*, 1-55.

Kahn, J. (2006). Factor Analysis in Counseling Psychology Research, Training, and Practice: Principles, Advances and Applications. *The Counseling Psychologist*, *34* (5), 684-718.

Marsee, M. A. (2008). Reactive aggression and posttraumatic stress in adolescents affected by Hurricane Katrina. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, *37*, 519–529. doi: 10.1080/15374410802148152.

Marsee, M., Silverthorn, P., & Frick, P. (2005). The association of psychopathic traits with aggression and delinquency in non-referred boys and girls. *Behavioral Sciences and the Law*, *23*, 803-817.

Mezzich, A. C., Tarter, R. E., Giancola, P. R., Kirisci, L., & Parks, S. (1997). Substance use and risky sexual behaviors in female adolescents. *Drug Alcohol Dependence*, *44*, 157–166. doi:10.1016/S0376-8716(96)01333-6.

- Mezzich, A. C., Tarter, R. E., Giancola, P. R., & Kirisci, L. (2001). The dysregulation inventory: A new scale to assess the risk for substance use disorder. *Journal of Child and Adolescent Substance Abuse, 10*, 35–43. doi: 10.1300/J029v10n04_04.
- Muthen, L. K., & Muthen, B. O. (1998-2011). *MPlus user's guide* (5 th ed.). Los Angeles, CA: Muthen &Muthen.
- Pallant, J. (2010). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS* (4th ed.). England: McGrawHill
- Pardini, D. A., Lochman, J. E., & Frick, P. J. (2003). Callous/ unemotional traits and social-cognitive processes in adjudicated youths. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 42*, 364–371. doi:10.1097/00004583-200303000-00018.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto-Gouveia, J., Gregorio, S., Dinis, A., & Xavier, A. (2011). *Experiential avoidance in clinical and nonclinical samples*. Manuscript submitted for publication.
- Poythress, N. G., Dembo, R., Wareham, J., & Greenbaum, P. E. (2006). Construct validity of the Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI) and the antisocial process screening device (APSD) with justice-involved adolescents. *Criminal Justice and Behavior, 33*(1), 26–55. doi: 10.1177/0093854805282518.

- Rucevic, S. (2010). Psychopathic personality traits and delinquent and risky sexual behaviors in Croatian sample of non-referred boys and girls. *Law and Human Behavior, 34*, 379-391.
- Seals, R. W., Sharp, C., Ha, C., & Michonski, J. D. (2012). The Relationship Between the Youth Psychopathic Traits Inventory and Psychopathology in a U.S. Community Sample of Male Youth. *Journal of Personality Assessment, 94*(3):232-243. doi:10.1080/00223891.2011.650303.
- Simões, M. (2011). Psicopatia na Adolescência. Universidade da Beira Interior: Covilhã. Tese de doutoramento não publicada.
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia, 3*, 387-404.
- Skeem, J. L., & Cauffman, E. (2003). Views of the downward extension: comparing the youth version of the psychopathy checklist with the youth psychopathic traits inventory. *Behavioral Sciences & the Law, 21*(6), 737-770. doi:10.1002/bsl.563.
- Skeem, J. L., Mulvey, E. P., & Grisso, T. (2003). Applicability of the traditional and revised models of psychopathy to the Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL:SV). *Psychological Assessment, 15*, 41-55. doi: 10.1037/1040-3590.15.1.41.
- Tabachnick, B., & Fidell, L. (1989). *Using Multivariate Statistics* (2nd Edition). New York: Harper Collins Publishers.
- Van Baardewijk, Y., Stegge, H., Andershed, H., Thomaes, S., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2008). Measuring psychopathic traits in children through self-report. The

development of the Youth Psychopathic traits Inventory – Child Version. *The International Journal of Law and Psychiatry*, 31 (3), 199–20.

Veen, V., Stevens, W., Andershed, H., Raaijmakers, A., Doreleijers, H., Vollebergh, A., (2011). Cross-ethnic generalizability of the three-factor model of psychopathy: the Youth Psychopathic Traits Inventory in an incarcerated sample of native Dutch and Moroccan immigrant boys. *International Journal of Law and Psychiatry*, 34(2), 127-130. doi: 10.1016/j.ijlp.2011.02.007.

Vitacco, M., Rogers, R. & Neumann, C. (2003). The Antisocial Process Screening Device: An examination of its construct and criterion-related validity. *Assessment*, 10(2), 143-150. doi: 10.1177/1073191103010002005.

Worthington, R., & Whittaker, T. (2006). Scale Development Research. A Content Analysis and Recommendations for Best Practices. *The Counseling Psychologist*, 34 (6), 806-838.

Apêndice A

Figura 1. Especificação Pictográfica do Modelo Estimado para o ITP

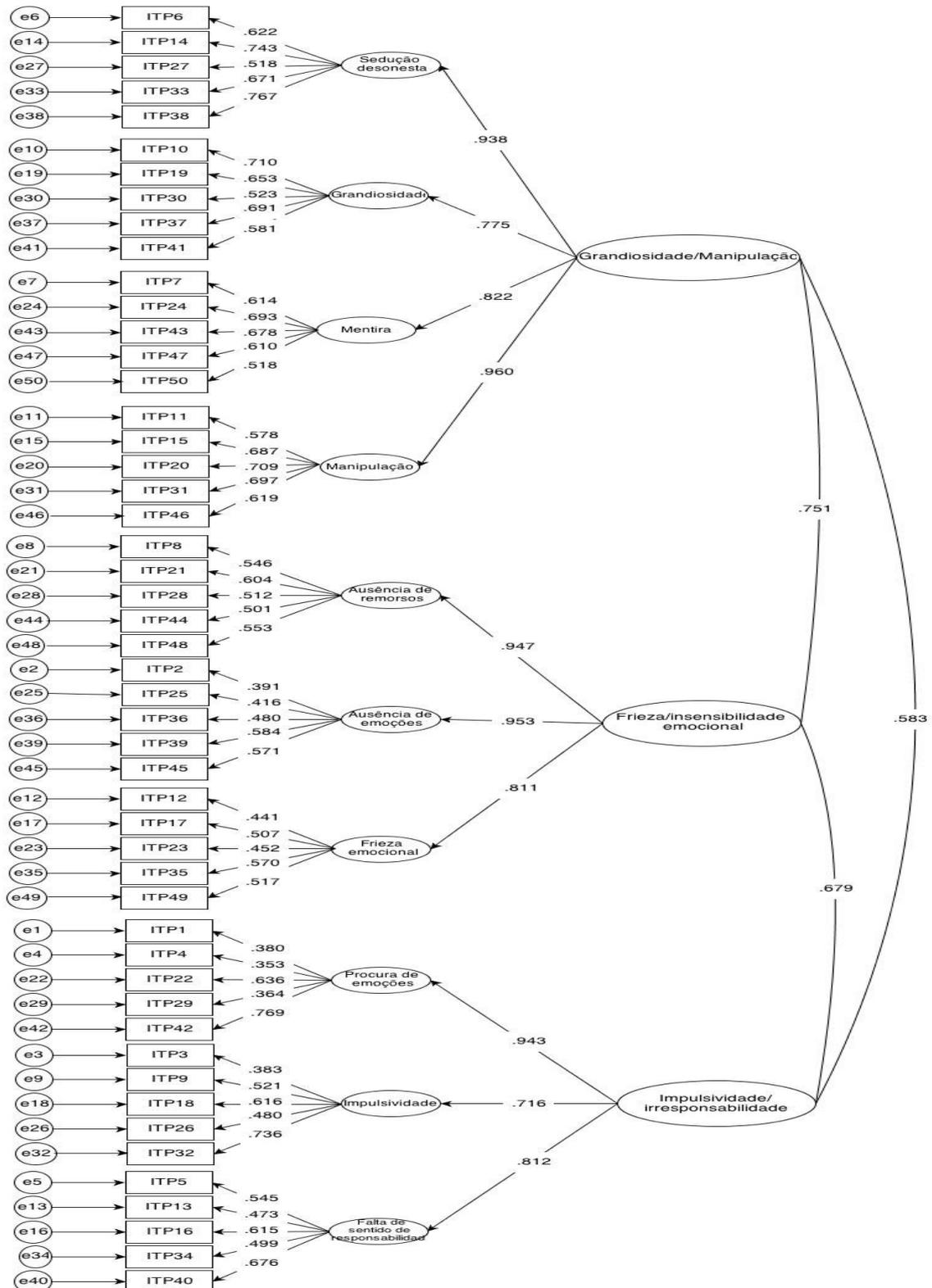


Figura 1. Análise fatorial confirmatória do Inventário de Traços Psicopáticos.

Nota. RMSEA = .056; p [rmsea < .05] e SRMR = .066.

Apêndice B

Tabela 2

Valores das médias, desvios-padrão, correlações item-total corrigidas e alfas de Cronbach se eliminado o item para cada item da escala de cada uma das subescalas do ITP (n=834)

| Itens e subescalas do ITP | M | DP | r Item-total | α se eliminado o item |
|---|------|------|-----------------|------------------------------------|
| Sedução desonesta $\alpha = .792$ | | | | |
| 6. É fácil para mim pôr um ar sedutor para conseguir das outras pessoas aquilo que pretendo. | 2.08 | .784 | .545 | .761 |
| 14. Tenho jeito para enganar as pessoas, usando o meu charme e o meu sorriso. | 1.85 | .738 | .630 | .733 |
| 27. Quando alguém me pergunta alguma coisa, eu tenho geralmente uma resposta rápida que parece verdadeira, ainda que tenha acabado de a inventar. | 2.12 | .776 | .398 | .807 |
| 33. Muitas vezes comporto-me de forma charmosa e simpática, mesmo com pessoas de quem não gosto, para conseguir o que quero | 2.00 | .748 | .590 | .746 |
| 38. Quando é preciso, uso o meu sorriso e o meu charme para tirar partido dos outros. | 1.91 | .741 | .711 | .707 |
| Grandiosidade $\alpha = .760$ | | | | |
| 10. Sou melhor que os outros em quase tudo. | 1.76 | .670 | .602 | .694 |
| 19. Tenho capacidades que vão muito além das das outras pessoas. | 2.04 | .681 | .542 | .713 |
| 30. O mundo seria um lugar bem melhor se fosse eu que mandasse. | 2.12 | .939 | .450 | .764 |
| 37. Sou mais importante e tenho mais valor que as outras pessoas. | 1.59 | .650 | .603 | .695 |
| 41. Estou destinado(a) a ser uma pessoa bem conhecida, importante e influente. | 2.26 | .709 | .508 | .724 |
| Mentira $\alpha = .753$ | | | | |
| 7. É divertido inventar histórias e tentar levar as pessoas a acreditarem nelas. | 2.10 | .892 | .480 | .726 |
| 24. Às vezes minto sem motivo, só porque é divertido. | 1.71 | .738 | .582 | .688 |
| 43. Às vezes dou comigo a mentir sem um motivo especial. | 1.82 | .735 | .584 | .687 |
| 47. Gosto de exagerar quando estou a contar alguma coisa. | 2.16 | .812 | .513 | .711 |
| 50. Muitas vezes meti-me em sarilhos por ter mentido demasiado. | 1.85 | .820 | .454 | .732 |
| Manipulação $\alpha = .795$ | | | | |
| 11. Consigo fazer as pessoas acreditar em quase tudo. | 2.21 | .728 | .550 | .764 |

| | | | | |
|--|------|------|------|------|
| 15. Sou bom/boa em fazer com que as pessoas acreditem em mim, quando estou a inventar algo. | 2.14 | .790 | .617 | .742 |
| 20. É fácil para mim manipular as pessoas. | 1.81 | .700 | .643 | .735 |
| 31. Muitas vezes, para conseguir das pessoas o que quero, não tenho problemas em enganá-las. | 1.63 | .656 | .577 | .757 |
| 46. Já aconteceu que eu usei alguém para conseguir aquilo que queria. | 1.91 | .794 | .503 | .781 |

Ausência de remorsos $\alpha = .685$

| | | | | |
|---|------|------|------|------|
| 8. Tenho a capacidade de não me sentir culpado(a) acerca de coisas em relação às quais eu penso que outras pessoas se sentiriam culpadas. | 2.06 | .749 | .461 | .626 |
| 21. Raramente lamento as coisas que faço, mesmo se as outras pessoas acham que são erradas. | 2.05 | .775 | .497 | .610 |
| 28. Quando alguém descobre que fiz algo de errado, sinto-me mais zangado(a) do que culpado(a). | 2.05 | .753 | .419 | .644 |
| 44. É um sinal de fraqueza sentirmos culpa e remorsos por coisas que fizemos e que magoaram os outros. | 1.74 | .788 | .427 | .641 |
| 48. É uma perda de tempo sentirmos culpa e lamentarmos o que fizemos de errado. | 1.87 | .807 | .396 | .655 |

Ausência de emoções $\alpha = .631$

| | | | | |
|---|------|------|------|------|
| 2. Geralmente fico calmo(a) em situações em que as outras pessoas ficam assustadas. | 2.51 | .719 | .361 | .588 |
| 25. Estar nervoso e preocupado é um sinal de fraqueza. | 1.79 | .723 | .266 | .633 |
| 36. O que assusta os outros normalmente não me assusta. | 2.21 | .672 | .450 | .549 |
| 39. Não entendo como há pessoas que ficam tão emocionadas ao ponto de chorarem com o que veem na televisão ou nos filmes. | 1.97 | .825 | .393 | .575 |
| 45. Não deixo que os meus sentimentos me afetem tanto como os sentimentos dos outros parecem afetá-los a eles. | 2.17 | .782 | .464 | .535 |

Frieza emocional $\alpha = .606$

| | | | | |
|---|------|------|------|------|
| 12. Acho que chorar é um sinal de fraqueza ainda que ninguém nos veja. | 1.90 | .851 | .231 | .624 |
| 17. Quando as outras pessoas têm problemas, muitas vezes é por culpa delas. Por isso, não devíamos ajudá-las. | 1.53 | .642 | .333 | .567 |
| 23. É importante para mim não ferir os sentimentos das outras pessoas. | 1.65 | .819 | .373 | .544 |
| 35. Quando vejo coisas tristes na televisão ou no cinema, sinto-me muitas vezes triste e comovido(a). | 2.16 | .825 | .467 | .490 |

| | | | | |
|--|------|------|------|------|
| 49. Geralmente fico triste quando vejo outras pessoas tristes ou a chorar. | 2.14 | .732 | .424 | .520 |
| Procura de emoções $\alpha = .664$ | | | | |
| 1. Gosto de estar onde acontecem coisas excitantes (que me dão pica). | 3.11 | .649 | .346 | .642 |
| 4. Aborreço-me rapidamente quando as coisas são sempre iguais. | 2.97 | .739 | .403 | .619 |
| 22. Gosto de fazer coisas apenas pela excitação que me provocam. | 2.36 | .769 | .481 | .582 |
| 29. Aborreço-me muito depressa se estiver a fazer sempre as mesmas coisas | 2.95 | .738 | .418 | .612 |
| 42. Gosto de fazer coisas excitantes e perigosas, ainda que sejam proibidas ou ilegais. | 1.97 | .859 | .443 | .602 |
| Impulsividade $\alpha = .656$ | | | | |
| 3. Prefiro gastar logo o dinheiro em vez de o poupar. | 1.77 | .712 | .253 | .670 |
| 9. Considero-me uma pessoa bastante impulsiva. | 2.41 | .782 | .401 | .608 |
| 18. Muitas vezes falo primeiro e penso depois. | 2.67 | .764 | .504 | .557 |
| 26. Se eu tiver a oportunidade de fazer algo divertido, faço-o independentemente do que tenha estado a fazer | 2.41 | .742 | .317 | .645 |
| 32. Muitas vezes faço coisas sem pensar nas consequências. | 2.60 | .785 | .582 | .515 |
| Falta de sentido de responsabilidade $\alpha = 0,691$ | | | | |
| 5. Acho que provavelmente já faltei à escola ou ao trabalho mais vezes do que a maioria das pessoas. | 1.53 | .750 | .452 | .641 |
| 13. Se eu ganhasse muito dinheiro no euromilhões desistia da escola ou do trabalho e passava a fazer só coisas divertidas. | 1.91 | .897 | .360 | .678 |
| 16. Já cheguei muitas vezes atrasado(a) ao trabalho ou à escola. | 2.20 | .960 | .514 | .609 |
| 34. Já me aconteceu várias vezes pedir uma coisa emprestada e depois perdê-la. | 2.05 | .847 | .375 | .670 |
| 40. Muitas vezes não faço a tempo os trabalhos escolares. | 2.48 | .894 | .539 | .598 |

Nota. ITP= Inventário de Traços Psicopáticos.

Apêndice C

Tabela 3

Fiabilidade e Consistência Interna da escala ITP (n = 834)

| | Alfa de <i>Cronbach</i> | N de itens |
|---|----------------------------|------------|
| ITP Total | .929 | 50 |
| Grandiosidade/manipulação | .911 | 20 |
| Sedução desonesta | .792 | 5 |
| Grandiosidade | .760 | 5 |
| Mentira | .753 | 5 |
| Manipulação | .795 | 5 |
| Frieza/insensibilidade emocional | .818 | 15 |
| Ausência de remorsos | .685 | 5 |
| Ausência de emoções | .631 | 5 |
| Frieza emocional | .606 | 5 |
| Impulsividade/irresponsabilidade | .820 | 15 |
| Procura de emoções | .664 | 5 |
| Impulsividade | .656 | 5 |
| Falta de sentido de responsabilidade | .691 | 5 |

Nota. ITP = Inventário de Traços Psicopáticos.

Apêndice D

Tabela 4

Correlações de Pearson entre o ITP e os fatores (n=834). Fidedignidade teste-reteste (n = 60)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
|---|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| 1 ITP Total | .732* | | | | | | | | | | | | | |
| 2 Grandiosidade/manipulação | .915** | .826* | | | | | | | | | | | | |
| 3 Frieza/insensibilidade emocional | .779** | .627** | .424* | | | | | | | | | | | |
| 4 Impulsividade/irresponsabilidade | .796** | .555** | .460** | .594* | | | | | | | | | | |
| 5 Sedução desonesta | .808** | .887** | .532** | .499** | .710* | | | | | | | | | |
| 6 Grandiosidade | .700** | .776** | .527** | .374** | .597** | .741* | | | | | | | | |
| 7 Mentira | .777** | .815** | .518** | .530** | .617** | .466** | .664* | | | | | | | |
| 8 Manipulação | .790** | .884** | .531** | .456** | .761** | .568** | .641** | .755* | | | | | | |
| 9 Ausência de remorsos | .720** | .611** | .838** | .441** | .530** | .468** | .527** | .528** | .569* | | | | | |
| 10 Ausência de emoções | .658** | .562** | .803** | .371** | .459** | .502** | .437** | .496** | .570** | .437* | | | | |
| 11 Frieza emocional | .102** | -.010 | .316** | .060 | .000 | .019 | -.002 | -.051 | -.036 | -.079* | .383* | | | |
| 12 Procura de emoções | .654** | .467** | .377** | .808** | .434** | .316** | .418** | .398** | .328** | .338** | .052 | .597* | | |
| 13 Impulsividade | .605** | .404** | .325** | .805** | .374** | .247** | .412** | .319** | .350** | .192** | .081* | .525** | .445* | |
| 14 Falta de sentido de responsabilidade | .676** | .478** | .413** | .825** | .410** | .343** | .457** | .392** | .392** | .364** | .019 | .478** | .473** | .579* |

Nota. ITP = Inventário de Traços Psicopáticos; Na diagonal encontram-se os resultados da estabilidade temporal; * $p < .05$; ** $p < .01$.

Apêndice E

Tabela 5

Correlações de Pearson entre o AAQ-II (n=140), o AQ (n=140), o ADI (n= 140) e os fatores do ITP (n=140)

| Escalas e Fatores | Grandiosidade/ Manipulação | Frieza/ Insensibilidade emocional | Impulsividade/ Irresponsabilidade |
|---|-------------------------------|---|--------------------------------------|
| Questionário de Aceitação e Ação (AAQ-II) | | | |
| Evitamento Experiencial | .075 | .115 | .258** |
| Questionário da Agressividade (AQ) | | | |
| Agressão Física | .460** | .445** | .533** |
| Agressão Verbal | .281** | .135 | .438** |
| Raiva | .195* | .071 | .413** |
| Hostilidade | .276** | .231** | .351** |
| Total | .413** | .322** | .573** |
| Inventário de desregulação abreviado (ADI) | | | |
| Desregulação comportamental | .278** | .298** | .604** |
| Desregulação cognitiva | .114 | .170* | .200* |
| Desregulação emocional | .184* | .194* | .456** |
| Total | .183* | .173* | .448** |

Nota. ITP = Inventário de Traços Psicopáticos; AAQ-II= Questionário da Aceitação e Ação; AQ= Questionário de Agressividade; ADI= Inventário de Desregulação Abreviado; * $p < .05$; ** $p < .01$.

Apêndice F

Tabela 6

Médias e desvios-padrão da escala total e de cada subescala por gênero. Estudo das diferenças de gênero (n = 834).

| Escala e Fatores | Gênero | | | | | | <i>t</i> |
|--------------------------------------|----------------------|-------|---------------------|-------|--------|-------|----------|
| | Masculino (n=448) | | Feminino (n=386) | | Total | | |
| | M | DP | M | DP | M | DP | |
| ITP Total | 41.65 | 8.70 | 36.06 | 8.97 | 39.06 | 9.25 | 9.13* |
| Grandiosidade/manipulação | 34.37 | 4.26 | 31.52 | 4.53 | 33.05 | 4.61 | 9.38* |
| Frieza/insensibilidade emocional | 36.60 | 6.03 | 34.00 | 6.48 | 35.40 | 6.37 | 5.99* |
| Impulsividade/irresponsabilidade | 112.63 | 15.63 | 101.58 | 16.88 | 107.51 | 17.13 | 9.80* |
| Sedução desonesta | 10.50 | 2.72 | 9.32 | 2.76 | 9.95 | 2.80 | 6.23* |
| Grandiosidade | 10.44 | 2.63 | 8.99 | 2.42 | 9.77 | 2.63 | 8.21* |
| Mentira | 10.42 | 2.69 | 8.75 | 2.75 | 9.65 | 2.84 | 8.85* |
| Manipulação | 10.30 | 2.65 | 9.01 | 2.65 | 9.70 | 2.72 | 7.02* |
| Ausência de remorsos | 10.40 | 2.46 | 9.03 | 2.51 | 9.77 | 2.58 | 7.96* |
| Ausência de emoções | 11.54 | 2.14 | 9.63 | 2.21 | 10.65 | 2.37 | 12.61* |
| Frieza emocional | 12.44 | 1.65 | 12.86 | 1.81 | 12.63 | 1.74 | -3.51* |
| Procura de emoções | 13.71 | 2.43 | 12.95 | 2.44 | 13.36 | 2.46 | 4.53* |
| Impulsividade | 11.93 | 2.25 | 11.78 | 2.68 | 11.86 | 2.46 | .87 |
| Falta de sentido de responsabilidade | 10.95 | 2.88 | 9.27 | 2.69 | 10.18 | 2.92 | 8.66* |

Nota. ITP = Inventário de Traços Psicopáticos; * $p < .001$.

Referências Gerais

- Caldwell, M., Skeem, J. L., Salekin, R. T., & Van Rybroek, G. (2006). Treatment response of adolescents offenders with psychopathy fetures: A 2-year follow-up. *Criminal Justice and Behavior*, *33*, 571-596.
- Forth, A. E., & Burke, H. C. (1998). Psychopathy in adolescence: Assessment, Violence, and developmental precursors. In D. J. Cooke, A. D. Forth, & R. D. Hare (Eds), *Psychopathy: Theory, research and implications for society* (pp. 205-230). Dordrecht, the Netherlands: Kluwer.
- Frick, J. P. (19989). Callous-unemotional traits and conduct problems: Applying the two-fator model of psychopathy to children. In D. J. Cooke, A. D. Forth, & R. D. Hare (Eds), *Psychopathy: Theory, research and implications for society* (pp. 161-187). Dordrecht, the Netherlands: Kluwer.
- Hare, R. D. (1999). *Without conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. New York: The Guilford Press.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2006). The PCL-R assessment of psychopathy: Development, structural properties, and new directions. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 58–88). New York: Guilford Press.
- Hemphill, J. F., Hart, S. D., & Hare, R. D. (1994). Psychopathy and substance use. *Journal of Personality Disorders*, *8*, 169-180.
- Leistico, A. R., Salekin, R.T. DeCoster, J., & Rogers, R. (2008). A large-scale meta-analysis related the Hare measures of psychopathy to antisocial conduct. *Law and Human Behavior*, *32*, 28-45.

Pardini, D., & Loeber, R. (2008). Interpersonal callousness trajectories across adolescence: Early social influences and adult outcomes. *Criminal Justice and Behavior*, 35, 173-196. doi: 10.1177/0093854807310157.

Patrick, C. J. (2006). Back to the future: Cleckley as a guide to the next generation of psychopathy research. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 605-617). New York: Guilford Press.

Anexos: Protocolos Aplicados

Anexo 1: Ficha de Caracterização dos Participantes**FICHA DE CARATERIZAÇÃO****Dados Gerais**

Nome do Avaliador: _____

1. N.º de identificação (n.º de pessoa): _____
2. Idade: _____ Data de nascimento: ____/____/____
3. Nacionalidade dos pais: _____ Nacionalidade do jovem: _____

Dados Relativos à Escolaridade

4. Anos de escolaridade concluídos (ou equivalente): _____
5. N.º de reprovações: _____
6. Abandono escolar: Sim Não Se sim, com que idade: _____
7. Sabe ler: Sim Não
8. Sabe escrever: Sim Não

Dados Relativos à Família

9. Com quem vivia antes do internamento em CE/com quem vivo:
- 9.1. Família nuclear (pais, irmãos)
- a. Família intata
- b. Monoparentalidade
- c. Reconstituída
- 9.2. Outros familiares (avós, tios, irmãos,...)
- Quem _____
- 9.3. Família adotante/adotiva
- 9.4. Instituição de acolhimento
- 9.5. Outra:
10. Nível socioeconómico (consulte nota de rodapé para orientação³)
- a. Baixo
- b. Médio
- c. Alto

3

Alto: diretores de bancos, diretores técnicos de empresas, licenciados, engenheiros, profissionais com títulos universitários ou de escolas especiais ou militares de alta patente; **Médio:** Chefes de seções administrativas ou de negócios de grandes empresas, subdiretores de bancos, peritos, técnicos e comerciantes. Ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros, contra mestres, oficiais de primeira, empregados, capatazes e mestre de obras. Operários especializados com ensino primário completo (ex. motoristas, polícias, cozinheiros, etc....); **Baixo:** Trabalhadores manuais ou operários não especializados (ex.: jornaleiros, ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza, etc....).

Anexo 2: Parte do Inventário de Traços Psicopáticos**YPI**

Andreshed, Kerr, Stattin, & Levander, 2003; tradução e adaptação portuguesa de Simões, Abrunhosa Gonçalves, & Lopes, 2010

Neste questionário vais encontrar frases que descrevem certas características e comportamentos das pessoas.

Responde a cada frase de acordo com o que sentes mais frequentemente, e não apenas agora.

Por favor, lê as frases e diz, para cada uma delas, **em que grau concordas ou discordas que ela se aplica a ti**. Assinala cada frase com uma **crux X** à frente de cada frase na opção que melhor se aplica a ti.

Lembra-te:

- Não há respostas certas ou erradas;

- Queremos saber o que pensas e sentes, e não o que é “certo” ou “errado”!

Procura, assim, ser sincero(a) nas tuas respostas.

| | Discordo Muito | Discordo | Concordo | Concordo Muito |
|---|-----------------------|-----------------|-----------------|-----------------------|
| 1. Gosto de estar onde acontecem coisas excitantes (que me dão pica). | | | | |
| 2. Geralmente fico calmo(a) em situações em que as outras pessoas ficam assustadas. | | | | |
| 3. Prefiro gastar logo o dinheiro em vez de o poupar. | | | | |
| 4. Aborreço-me rapidamente quando as coisas são sempre iguais. | | | | |
| 5. Acho que provavelmente já faltei à escola ou ao trabalho mais vezes do que a maioria das pessoas. | | | | |
| 6. É fácil para mim pôr um ar sedutor para conseguir das outras pessoas aquilo que pretendo. | | | | |
| 7. É divertido inventar histórias e tentar levar as pessoas a acreditar nelas. | | | | |
| 8. Tenho a capacidade de não me sentir culpado(a) acerca de coisas em relação às quais eu penso que outras pessoas se sentiriam culpadas. | | | | |
| 9. Considero-me uma pessoa bastante impulsiva. | | | | |
| 10. Sou melhor do que os outros em quase tudo. | | | | |
| 11. Consigo fazer as pessoas acreditar em quase tudo. | | | | |
| 12. Acho que chorar é um sinal de fraqueza ainda que ninguém nos veja. | | | | |
| 13. Se eu ganhasse muito dinheiro no euromilhões desistia da escola ou do trabalho e passava a fazer só coisas divertidas. | | | | |
| 14. Tenho jeito para enganar as pessoas, usando o meu charme e o meu sorriso. | | | | |
| 15. Sou bom/boa em fazer com que as pessoas acreditem em mim, quando estou a inventar algo. | | | | |

| | | | | |
|---|--|--|--|--|
| 16. Já cheguei muitas vezes atrasado(a) ao trabalho ou à escola. | | | | |
| 17. Quando as outras pessoas têm problemas, muitas vezes é por culpa delas. Por isso, não devíamos ajudá-las. | | | | |
| 18. Muitas vezes falo primeiro e penso depois. | | | | |
| 19. Tenho capacidades que vão muito além das das outras pessoas. | | | | |
| 20. É fácil para mim manipular as pessoas. | | | | |
| 21. Raramente lamento as coisas apenas que faço, mesmo se as outras pessoas acham que são erradas. | | | | |
| 22. Gosto de fazer coisas apenas pela excitação que me provoca. | | | | |
| 23. É importante para mim não ferir os sentimentos das outras pessoas. | | | | |
| 24. Às vezes minto sem motivo, só porque é divertido. | | | | |
| 25. Estar nervoso e preocupado é um sinal de fraqueza. | | | | |
| 26. Se eu tiver a oportunidade de fazer algo divertido, faço-o independentemente do que tenha estado a fazer. | | | | |
| 27. Quando alguém me pergunta alguma coisa, eu tenho geralmente uma resposta rápida que parece verdadeira, ainda que tenha acabado de inventar. | | | | |

Anexo 3: Parte do Questionário de Aceitação e Ação**AAQ II – Questionário de Aceitação e Ação****(Tradução e adaptação de Pinto – Gouveia, J. e Gregório, S., 2007)**

| Nunca verdadeiro | Muito raramente verdadeiro | Pouco verdadeiro | Algumas vezes verdadeiro | Frequentemente verdadeiro | Quase sempre verdadeiro | Sempre verdadeiro |
|------------------|----------------------------|------------------|--------------------------|---------------------------|-------------------------|-------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Não há qualquer problema quando me lembro de algo desagradável. | | | | | | | |
| 2. As minhas experiências e memórias dolorosas dificultam que eu viva uma vida que valorize. | | | | | | | |
| 3. Tenho medo dos meus sentimentos. | | | | | | | |
| 4. Não ser capaz de controlar as minhas preocupações e sentimentos é algo que me preocupa. | | | | | | | |

Anexo 4: Parte do Questionário de Agressividade**AQ**

(Buss & Perry, 1992; Tradução e adaptação: Ana Vieira & Cristina Soeiro, 2002)

Instruções:

Em baixo vai encontrar uma lista de afirmações que abordam características pessoais. Em relação a cada uma delas, indique qual a resposta que melhor se adapta a si. Para responder, utilize as seguintes opções:

| Nunca ou quase nunca | Poucas vezes | Algumas vezes | Muitas vezes | Sempre ou quase sempre |
|----------------------|--------------|---------------|--------------|------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

| | Nunca ou quase nunca | Poucas vezes | Algumas vezes | Muitas vezes | Sempre ou quase sempre |
|---|----------------------|--------------|---------------|--------------|------------------------|
| 1. De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Quando não estou de acordo com os meus amigos, digo-lhes abertamente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Exalto-me facilmente, mas recupero rapidamente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. De vez em quando tenho muita inveja dos outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Quando fico frustrado, mostro a minha irritação. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Por vezes sinto que a vida não me dá o suficiente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Se alguém me bate, respondo da mesma forma. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Quando as pessoas me aborrecem, chego a dizer-lhes o que penso delas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Costumo entrar em brigas mais vezes que a maioria das pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo 5: Parte do Inventário de Desregulação Abreviado**ADI**

(A. Mezzich, R. Tarter, P. Giancola & L. Kirish, 2001; traduzido por M. Petiz & D. Rijo, 2011)

Instruções: Por favor, lê atentamente cada afirmação e indica com que frequência essas afirmações são verdadeiras para ti, fazendo uma cruz (X) no número que melhor te descreve. Não deixes nenhuma afirmação por responder.

Escala de Resposta:

| | | | |
|----------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
| 0 = Nunca Verdadeiro | 1 = Às vezes Verdadeiro | 2 = Quase Sempre Verdadeiro | 3 = Sempre Verdadeiro |
|----------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|

| | 0 | 1 | 2 | 3 |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Tenho dificuldade em ficar sentado durante as refeições. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Quando tenho objetivos importantes, faço planos para os alcançar. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Tenho dificuldade em controlar o meu temperamento ou feitio. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Se tiver que ficar quieto, ao fim de alguns minutos, começo a ficar muito agitado. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Sou capaz de fazer um plano e pô-lo em prática. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Durmo menos por causa das minhas preocupações. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Tenho dificuldade em manter-me concentrado nas coisas que tenho para fazer. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Sou capaz de pensar nas consequências futuras das minhas ações. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Quando estou zangado perco o controlo sobre o meu comportamento. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Quando as pessoas não concordam comigo, tenho tendência a discutir. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |